



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

**RESILIÊNCIA E INSUCESSO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM SOBRE OS FATORES DE PROTEÇÃO, DE RISCO E POTENCIAIS RESILIENTES EM PROFESSORES E ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL 2 E DA TURMA DO PROJETO SE LIGA**

MARTA MARIA DE LIMA SILVA

ANA LÚCIA LEAL

EIXO: 12. PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSSOCIAIS

**Resumo** O presente trabalho realizou uma análise e discussão dos significados das dificuldades de aprendizagem para professores e alunos das turmas SE LIGA e 9º ano do Ensino Fundamental. Ele resultou de uma pesquisa de iniciação científica concluída em 2015 (PIBIC/Edital 2014-2015). Além disso, buscou relacionar tais significados ao fortalecimento da resiliência dos alunos. A resiliência é considerada a capacidade das pessoas manterem-se íntegras apesar das adversidades do caminho. Como estratégias metodológicas, utilizamos: questionários, entrevistas e observações com as turmas explicitadas anteriormente. De maneira geral, podemos dizer que as professoras, dentro das suas limitações, procuraram realizar um trabalho de professoras-educadoras. Os alunos de ambas as turmas enfrentaram fatores de riscos, tais como: má estrutura das salas, distanciamento entre a família e a escola. **Palavras-Chaves:** Resiliência, Insucesso Escolar, Educação **Resumen** El presente trabajo realiza un análisis y discusión de los significados de aprendizaje a profesores y alumnos de las clases si liga y noveno grado de escuela primaria. Resultado de una investigación de iniciación científica concluido en 2015 (aviso PIBIC/2014-2015). Además, buscó relacionarse con tales significados para el fortalecimiento de la resiliencia de los estudiantes. Resiliencia es la capacidad de las personas a permanecer sano a pesar de las adversidades del camino. Cómo utilizar estrategias metodológicas: cuestionarios, entrevistas y observaciones con las clases que se ha descrito anteriormente. En General, podemos decir que los

profesores, dentro de sus limitaciones, intentaron lograr un trabajo de profesores-educadores. Alumnos de ambas clases ante factores de riesgo, tales como: mala estructura de edificios, la distancia entre la familia y la escuela. **Palabras clave:** Resiliencia, fracaso escolar, educación

**Introdução** O presente projeto de pesquisa teve como problemática e questão norteadora investigar as significações de dificuldades de aprendizagem para professores e alunos envolvidos nas salas de apoio à aprendizagem, bem como relacionar tais significados ao fortalecimento da resiliência nestes alunos. Historicamente falando, o conceito de resiliência vem sendo utilizado há muito tempo pela Física e Engenharia, sendo um de seus precursores o cientista inglês Thomas Young. Em 1807, ele descreveu experimentos sobre tensão e compressão de barras, buscando a relação entre a força que era aplicada num corpo e a deformação que essa força produzia. Brandão (2009) menciona, contudo, que a resiliência do ser humano é diferente da resiliência da física, já que na psicologia, após sofrer um abalo, uma "deformação em sua estrutura", o homem não só se recupera, voltando ao que era antes, como se torna ainda mais forte, ou melhor, depois dele. No entanto, resiliência não significa resistência absoluta a qualquer adversidade e sim o seu enfrentamento. Neste sentido, a resiliência é considerada a capacidade das pessoas manterem-se íntegras e conseguirem superar as adversidades do caminho (ANTUNES, 2007; COSTA, 1995; CYRULNIK, 2004; POLETTI, DOBBS, 2007; TISSERON, 2007). Antunes (2007), Assis, Pesce e Avanci (2006), Barbosa (2006), Tavares (2008), entre outros, consideram que a escola é um dos espaços promotores de resiliência mais potentes que a sociedade pode implementar, pois agrupa distintos sistemas humanos e articula o professor ao aluno, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento humano e de proteção. Para Poletto e Koller (2008) os processos de resiliência requerem compreensão dinâmica e interacional dos fatores de risco e de proteção. Sendo assim, achamos pertinente apresentar algumas discussões sobre os mesmos. Segundo Cowan et al. (1996 apud POLETTO e KOLLER, 2008), os fatores de risco relacionam-se a eventos negativos de vida e, quando presentes, aumentam a probabilidade de a pessoa apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais. Sendo assim, acreditamos que os eventos negativos enfrentados por alguns alunos, tais como: problemas familiares, falta de alimentação adequada, falta de higiene, divórcio dos pais, dentre outras carências e traumas, podem desencadear problemas emocionais que afetem diretamente as suas aprendizagens. Segundo Poletto e Koller (2008, p. 410),

situações de risco, tais como baixa escolaridade e baixo status social dos pais, ou ausência de uma rede de apoio social e afetiva, podem ser apontadas como eventos negativos no desenvolvimento de crianças e jovens. Tais condições, no entanto, associadas à auto percepção de uma qualidade de vida precária, sem esperanças de superação e de possibilidade de alcançar níveis de bem-estar subjetivo, podem agravar as condições

básicas de acionar processos de resiliência e superar as condições de vulnerabilidade.

De acordo com Rutter (1985, p.600 apud POLETTO e KOLLER, 2008), “fatores de proteção referem-se a influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação”. Dessa forma, podemos dizer que o professor pode influenciar, de maneira positiva, e ajudar os seus alunos neste processo/ fase de superação de determinados riscos de desadaptação. Muitas vezes, uma palavra amiga já desperta no aluno uma confiança suficiente para conversar sobre os seus problemas e, com isso, sentir-se mais confiante. Assim, o ambiente escolar pode funcionar como um ambiente protetivo e fortalecerá a resiliência de seus alunos se, dentre outras coisas, os professores compreenderem a importância de trabalhar estratégias capazes de fortalecer a capacidade dos alunos lidarem com suas dificuldades. Nessa linha de raciocínio, Oliveira e Macedo (2011) consideram que a proposta de aprendizagem, as significações acerca do não aprender, a postura do professor, a escola como ambiente, os recursos oferecidos, muitas vezes não promovem a resiliência. “Uma relação ‘fraca’ com o aprender em um meio ‘vulnerável’ é diferente de uma relação ‘forte’ com o aprender, ainda que o meio seja vulnerável” (p.990). Apesar disso, num sistema público de ensino pode ocorrer de tanto os professores, quanto os alunos, frente às muitas situações adversas, se sentirem desestimulados, mas alguns, ainda assim, não desistem. Assis, Pesce e Avanci (2006) afirmam que a noção de superação das dificuldades está mais relacionada a um resultado obtido, a uma forma construtiva de reorganizar a vida após um problema. Para Vargas (2009), na condição de educador, se deve buscar auxiliar o aluno para a vida, contribuindo para questões mais amplas, auxiliando-o na construção da própria identidade. Sendo assim, o educador deve contribuir para a realização dos estudantes como seres humanos, preparando-os para superarem os desafios apresentados pela vida. Lamentavelmente, o que percebemos na prática educacional é um pouco diferente. Ela comumente privilegia determinadas dimensões do humano como, por exemplo, a racionalidade, em detrimento de outras, como as dimensões emocional e espiritual. Pelo exposto, podemos considerar que as adversidades estão inseridas na vida humana e as descobertas sobre resiliência parecem indicar caminhos para um desenvolvimento mais positivo diante dos enfrentamentos das dificuldades.

Pelo fato de propor um estado de fortalecimento individual, de melhora após o embate, a resiliência pressupõe uma inovação em relação ao desenvolvimento humano. Acreditamos que, se incorporado à escola de forma apropriada, o conceito desta habilidade pode contribuir para a formação dos alunos e à superação de suas dificuldades de aprendizagem, preparando-os para as muitas adversidades que, certamente, enfrentarão em sua vida futura. A presente pesquisa esteve direcionada a estudar o insucesso escolar e como o mesmo pôde ser encarado, tanto pelos professores, quanto pelos alunos do Ensino Fundamental 2 e dos participantes do Projeto SE LIGA. Escolhemos a turma SE LIGA e a do Ensino Fundamental, pois um de nossos objetivos seria trabalhar com alunos que apresentassem dificuldades de aprendizagem, onde estas poderiam estar relacionadas tanto ao desempenho escolar quanto à parte afetiva e emocional. Sabe-se que a realidade na qual os alunos se encontram refletem, muitas vezes, o seu desempenho escolar. Sendo assim, ao fazermos o levantamento geral das escolas procuramos saber o perfil de cada turma e estas, no caso SE LIGA e 9º ano, foram as que mais se adequaram aos nossos objetivos. A decisão por analisar, especificamente, a turma dos alunos do 9º Ano "B" se deu por termos recebido informações da Coordenadora da escola e de uma professora de Português de que eram alunos naturalmente "trabalhosos" e desinteressados. Quanto à Turma SE LIGA, explicaremos a seguir um pouco mais sobre suas especificidades. O projeto SE LIGA foi criado em 1999 e é destinado aos alunos que não sabem ler e precisam ser alfabetizados. Ele foi viabilizado através do Instituto Ayrton Senna e volta-se à alfabetização de crianças que apresentem dificuldades de aprendizagem, com distorções quanto à idade ou série. Segundo os números do Programa em 2012, desde sua implementação, em 2001, o SE LIGA atendeu 38.966 crianças e jovens de 488 municípios de 23 estados e formou 2.911 educadores (INSTITUTO AYRTON SENNA).

**Objetivos Geral** Pesquisar sobre o Insucesso escolar e o fortalecimento da Resiliência em alunos do Ensino Fundamental 2 e do Projeto SE LIGA, da Rede Pública do Agreste Pernambucano. **Específicos**

- Conhecer as estratégias utilizadas pelos professores que trabalham nas turmas do Projeto SE LIGA para lidarem com o insucesso escolar de seus alunos;
- Investigar a percepção dos alunos frequentadores das turmas do Projeto SE LIGA sobre o

ambiente escolar e relações interpessoais em seu interior;

- Refletir sobre a existência de fatores de Proteção e de Risco no âmbito escolar;
- Realizar uma análise comparativa dos achados.

**Metodologia** Inicialmente realizamos um levantamento bibliográfico a respeito da temática central da pesquisa, sendo ela a resiliência e o insucesso escolar, depois adentramos para sua relação com a educação. Posteriormente realizamos uma aproximação com as instituições, com a finalidade de obter escolas parceiras que pudessem tornar viável a realização do projeto. Duas escolas foram selecionadas, denominadas escola A e escola B. Para a realização da Pesquisa, contamos com a participação de duas professoras, uma da turma SE LIGA e outra da turma do 9º ano "B" do Ensino Fundamental 2. Em relação aos alunos, participaram 47. Destes, 17 eram da turma SE LIGA e 30 alunos do 9º ano. Ressaltamos que tanto as escolas, quanto as professoras participantes, não terão jamais as suas identidades reveladas. A metodologia utilizada englobou, inicialmente, a observação das aulas e após doze observações (sete observações na turma SE LIGA e cinco na turma do 9º ano), aplicamos dois questionários adaptados de vários estudos (POLK, 1997; JOB, 2003; BARBOSA, 2006; ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006), um para os docentes e o outro para os discentes. Cada observação durou, em média, duas horas, totalizando 14 horas na turma SE LIGA e 10 horas na turma do 9º ano. Após aplicarmos os questionários, realizamos uma análise minuciosa dos seus resultados. Devido à dificuldade dos alunos da turma do SE LIGA responderem os questionários, optamos por realizar também gravações em áudio. Durante o momento das observações das aulas nos mantivemos no fundo da sala, de modo que não atrapalhasse o andamento das mesmas. O objetivo era identificar se as professoras realizavam algum tipo de estratégia de fortalecimento da resiliência de seus alunos, diante das possíveis dificuldades de aprendizagem. Agrupamos, inicialmente, as respostas dos alunos de cada turma observada, de acordo com a proximidade temática. Com base nesse agrupamento, elaboramos gráficos referentes a cada pergunta contida no questionário, interpretados a seguir, destacando sempre as respostas com maior e o menor percentual. Em seguida, realizamos uma análise comparativa das respostas fornecidas pelas duas professoras participantes de nossa pesquisa. Posteriormente, realizamos os mesmos procedimentos de análise com a turma do 9º ano e com a turma do SE LIGA e, depois, fizemos uma análise comparativa dos achados entre as duas turmas. Por fim, realizamos um cruzamento de dados entre as observações registradas e os dados obtidos nos questionários, cuja finalidade foi contemplar os objetivos específicos da nossa pesquisa. **Resultados e Discussões**

**Observações das aulas** Ao chegarem às salas, ambas as professoras pediram para que nos apresentássemos e que explicássemos o Projeto para os alunos e assim o fizemos, deixando claro que estávamos ali apenas para observar as aulas e que eles podiam se comportar normalmente. As professoras observadas reagiram à nossa presença de modo

bastante diferente. A professora Clara, cujo nome é fictício (turma SE LIGA), demonstrava desconforto com a nossa presença. Acreditamos que a mesma parecia se preocupar com julgamentos que pudéssemos fazer em relação a sua prática docente e, por isso, mostrava uma ansiedade enorme em cumprir com o planejamento da sua aula. Apesar disso, ela pareceu ser uma ótima professora e muito querida por todos. A professora Rita (turma do 9º ano) sentiu-se à vontade com a nossa presença, parecendo, às vezes, até esquecer que estávamos ali. Ela era extrovertida e contagiava os alunos de maneira positiva. Em relação aos alunos, ocorreu o inverso da reação das professoras: os da turma SE LIGA, desde o início, se mostraram empolgados e nos sentimos confortáveis e até queridos por eles. Porém, sempre perguntavam por que estávamos lá, se iriam receber notas por comportamentos e queriam saber, na maioria das vezes, o que estava sendo anotado. Já os alunos do 9º ano pareciam se incomodar com a nossa presença. A impressão que nos passava era que achavam que estavam sendo “vigiados”. Apesar da tentativa de aproximação, procuramos evitar a comunicação com eles durante a observação, a fim de não atrapalhar o andamento das aulas. Em alguns momentos, percebemos que a maioria estava dispersa. Como as observações aconteciam no horário vespertino e a sala era um pouco abafada (por causa da cobertura de PVC e falta de ventiladores), talvez o calor e a falta de iluminação adequada (já que às vezes era necessário fechar as janelas, por causa do reflexo do sol) fossem um dos motivos para tal dispersão dos alunos. **Retomada dos objetivos específicos** Conforme apontado anteriormente, tivemos quatro objetivos específicos cujos resultados serão apresentados a seguir: **Objetivo 1:** “Conhecer as estratégias utilizadas pelos professores que trabalham nas turmas do Projeto SE LIGA para lidarem com o insucesso escolar de seus alunos” Ao realizar o questionário para a professora da turma SE LIGA, elaboramos algumas perguntas com o intuito de contemplar o nosso primeiro objetivo específico. Para tanto, perguntamos: De que forma o professor pode incentivar o aluno a superar possíveis dificuldades?

A professora respondeu: “Mostrando que os mesmos são capazes de superar suas dificuldades”. De fato, em nossas observações das aulas, vimos situações, tais como: elogios quando os alunos chegavam à resposta esperada; incentivos para os que não sabia ler (ex. “Eu sei que você sabe, quando você diz que não sabe ler, a mente processa e isso te impede de ler”); carinho explícito (ex. quando chamou um dos alunos de “meu amor” e ele, visivelmente, ficou satisfeito e começou a fazer a tarefa). É evidente que esse tipo de tratamento é louvável, pois muitos são carentes e, não raro, se sentem incapazes. Em contrapartida, também percebemos que a professora foi “conteudista” e menos amorosa, achando que a parte afetiva seria para os pais e sua função era ensinar os conteúdos apenas. Por fim, perguntamos quais eram as estratégias metodológicas que ela utilizava diante do insucesso escolar de seus alunos. Ela respondeu que realizava atividades extras focadas nessas dificuldades para que houvesse uma

diminuição, ou até mesmo acabasse com o insucesso escolar. Salientamos que o insucesso escolar também pode advir de dificuldades que os alunos passam em casa e sentimos falta desse direcionamento em relação às suas respostas, pois ela não mencionou, por exemplo, que conversava com o aluno para saber o que estava acontecendo, nem com a família, mesmo achando que a presença da família era importante para acompanhar o desenvolvimento dos filhos. **Objetivo 2:** “Investigar a percepção dos alunos frequentadores das turmas do Projeto SE LIGA sobre o ambiente escolar e relações interpessoais em seu interior” De acordo com a análise realizada, tanto das aulas observadas, quanto do questionário aplicado com os discentes frequentadores da turma SE LIGA, percebemos que a relação entre alunos-professora é muito respeitosa. Ela se dedica bastante ao que faz (no caso, ao ensino) e a relação entre os alunos parece ser de amizade e de ajuda mútua, pois em alguns momentos foi observado que quando sentiam dificuldades para realizar as atividades, formavam grupos e um ajudava o outro. Não percebemos posturas egoístas entre os alunos. Além disso, os alunos falaram muito bem dos colegas durante as entrevistas, dizendo que estes os ajudavam a superar as dificuldades, que conversavam sobre os seus problemas, enfim, o fato de existir a amizade entre eles fazia com que se sentissem tratados com carinho. Observamos também que os alunos se sentiam tratados com carinho pela professora e demais funcionários da escola, porém deram mais importância à professora, o que já era esperado. Enfim, podemos concluir que os alunos da turma SE LIGA, independentemente das dificuldades inerentes à condição de cada um, felizmente, encaram a escola como um ambiente de aprendizagem, de encontro com os colegas e também como um ambiente de lazer. Enfatizamos que os achados não são, necessariamente, o que ocorrem sempre. Na realidade, se trata apenas de um recorte baseado nas observações de algumas aulas e no questionário aplicado tanto com os discentes, quanto com a professora. **Objetivo 3:** “Refletir sobre a existência de Fatores de Proteção e de Risco no âmbito escolar” Ao analisarmos as turmas do SE LIGA e do 9º ano de Ensino Fundamental, em relação à presença de Fatores de Riscos e/ou Fatores de Proteção, encontramos o seguinte: - Em relação aos fatores de riscos: Na turma SE LIGA os Fatores de Riscos foram: Falta de estrutura física, da sala de aula, às vezes falta de carinho e de paciência por parte da professora (apesar de raro). Além disso, percebemos que a mesma, em alguns momentos, deixava um aluno um pouco de lado, pois para ela esse aluno era o mais “danado” da sala, não o incentivando. Já a turma do 9º ano é uma sala barulhenta, os alunos pareceram, em sua maioria, desestimulados, inclusive pela professora. Ela pareceu não se preocupar muito com a aprendizagem daqueles e sim em cumprir o conteúdo programático. Alguns alunos desta turma acharam a escola um incômodo e afirmaram sentir preguiça de ir à mesma. Ou seja, não pareceu uma escola atrativa na visão de alguns deles. - Em relação aos fatores de proteção: Com respeito aos Fatores de Proteção, na turma SE LIGA, observamos que a dedicação da professora em relação ao ensino, a amizade, o

carinho, o respeito, a gentileza estiveram quase sempre presentes, bem como entre os próprios alunos e, que podemos pontuá-los como Fatores de Proteção. Já no 9º ano, o carinho, respeito, amizade dos amigos, a alegria contagiante da professora e o respeito desta com os alunos foram considerados como fatores de Proteção. Ressaltamos que algumas questões, referentes ao 2º e 3º objetivos específicos serão retomadas no próximo objetivo específico, no momento da análise comparativa dos achados. **Objetivo 4:** "Realizar uma análise comparativa dos achados" - Entre os alunos Em relação à pergunta: "Você se sente bem, no ambiente escolar?"

", 92,31% dos alunos da turma SE LIGA afirmaram que sempre se sentem bem na escola. Com isso, percebemos que a maioria gosta do espaço escolar e não o vê como um incômodo ou um espaço em que são "obrigados" a frequentar. Porém, um dos alunos entrevistados justificou o fato de não se sentir sempre bem, dizendo que a sala é abafada e que em alguns momentos chega a passar mal. Sua resposta sugere que a estrutura física merece uma atenção especial. No que diz respeito ao 9º do Ensino Fundamental, apenas pouco mais da metade dos alunos (56,52%) disseram se sentir bem no ambiente escolar. Os motivos foram os mais diversos, tais como: porque gostam de estudar, por considerarem os professores legais, por serem bem tratados (tanto pelos professores, quanto pelos demais funcionários) e pelo fato da escola ser um espaço onde podem encontrar os amigos. Porém, alguns responderam que sentem preguiça, achando que ir à escola é inconveniente. Em relação à pergunta: "Você acha que a professora é importante para a sua aprendizagem?"

", mesmo analisando turmas distintas, de cidades e realidades distintas, o professor foi igualmente valorizado pelos alunos, no sentido de atribuir a este uma grande parte da formação educacional. 100% dos alunos do SE LIGA acham que sim. A maioria dos discentes entrevistados justificou a sua resposta falando da didática utilizada, enfatizando que ela ensina muito bem, tira as dúvidas relacionadas às tarefas, realiza leituras e ensina a ler e a escrever. Outros falaram sobre o modo afetivo com que são tratados, dizendo que a professora é alegre, legal, dentre outras qualidades. Assim como os alunos do SE LIGA, todos os discentes do 9º ano (100%) afirmaram que a professora sempre é importante para sua aprendizagem. A maioria justificou sua resposta dizendo que esta os ajudava a superar as dificuldades, que ela era conselheira, e que a mesma "tirava dúvidas da própria vida". Sendo assim, podemos dizer que esta professora não se preocupava apenas em trabalhar o conteúdo da disciplina, mas também com o bem-estar dos seus alunos e com sua formação humana. No que se refere à terceira pergunta: "Quando você não consegue entender as tarefas em sala de aula, você procura a professora?"

", observamos que 76,92% dos discentes da turma SE LIGA dizem que a procuram. Já no Ensino Fundamental, pouco mais que metade dos alunos (56,52%) disse que sempre a procura. Como podemos ver, os alunos do SE LIGA recorrem mais a professora, se comparados aos do

9º ano. Talvez isso ocorra pelo fato daqueles apresentarem mais dificuldades de aprendizagem e, por este motivo, recorrerem mais à professora. Por meio desta análise, se percebe que ainda existem alunos que mesmo apresentando dificuldades procuram pouco a professora para ajudá-los e até mesmo não a procuram. Diante disso, surge um questionamento: Por que alguns alunos não procuram o professor para lhes ajudar diante das dificuldades, mesmo àquelas não relacionadas ao conteúdo acadêmico?

Em relação à quarta pergunta: “Quando você está passando por algum problema, você conta com a ajuda de sua professora?

”, novamente os alunos da turma do SE LIGA mostraram uma relação mais próxima com a professora. Mais de 90% destes alunos (92,31%) dizem que contam e justificam suas respostas mencionando que a professora os trata bem. Por exemplo, quando ela percebe que estão com algum problema os chamam para conversar. Além disso, os alunos entrevistados ressaltaram a atenção dos colegas, dizendo que muitas vezes, preferem conversar sobre seus problemas com eles. Já na turma 9º ano do Ensino Fundamental, mais da metade (56,52%) referiu não contar com a ajuda da professora quando estão com algum problema. Assim, percebemos que os alunos, em sua maioria, sentem dificuldades em pedir ajuda à professora quando estas dizem respeito à sua vida pessoal. Alguns justificam sua resposta dizendo que só contam à professora quando se refere a problemas da escola e outros dizem sentir vergonha. Além destes, outros discentes responderam que preferem dividir os seus problemas ou com a mãe ou com seus colegas. Analisando e comparando as duas turmas, percebemos que a turma SE LIGA recorre muito mais à professora do que a turma do 9º ano, independente de se tratar de problemas de aprendizagens ou da vida pessoal. No entanto, esta pergunta é uma das mais importantes para nossa pesquisa, pois, a partir dela, podemos perceber a participação ou não das professoras das turmas observadas, no fortalecimento da resiliência dos seus alunos. Ao analisarmos as respostas obtidas da quinta pergunta: “Você se sente tratado (a) com carinho na escola?

”, percebemos um percentual bem aproximado entre as respostas, pois quase 85% dos alunos do SE LIGA responderam que sempre e quase sempre. Estes dizem que a professora os abraçam, atribuindo várias qualidades a ela. Ao fazermos a mesma pergunta aos alunos do 9º ano, obtivemos como resposta que quase 80% consideraram que sempre e quase sempre se sentem desta forma. Quando questionados sobre o “por quê”, muitos atribuíram o fato aos amigos e aos professores que os tratam como se fossem seus filhos. Além disso, mencionaram o respeito existente entre alunos, professores e diretora. Dos alunos que mencionaram não se sentirem tratados com carinho, justificaram que não se sentem bem quando alguém os fazem passar vergonha e, ainda, existem outros discentes que dizem que: “nem sempre os alunos estão bem-humorados” e que as coisas não eram como queriam, sem explicar melhor a que se referiam. Vale destacar que o maior percentual dos alunos que disseram ser tratados sempre

com carinho na escola diz respeito à turma do SE LIGA, 69,22%, enquanto que o percentual, do 9º ano foi apenas 39,13%. Outro fato interessante é que nenhum dos alunos, de ambas as turmas observadas, respondeu que “nunca” são tratados com carinho no ambiente escolar. Isso nos leva a supor que tanto os professores, quanto os demais funcionários que compõem a equipe escolar de cada escola analisada, acolhem, de modo geral, os seus alunos com carinho. - Entre as Professoras Diante dos questionários aplicados, podemos perceber que a professora Rita (docente da turma 9º ano do Ensino Fundamental) é Graduada e tem uma longa experiência, de 46 anos, em sala de aula, diferente da professora Clara (docente da turma SE LIGA), que é Graduada e leciona há apenas quatro anos. Analisando as respostas das duas professoras percebemos que Rita ensina e também incentiva os seus alunos a dar continuidade em seus estudos, enfatizando que é por meio dos estudos que eles podem se tornar bons profissionais. Ela se mostrou um pouco desiludida, justificando que os alunos têm oportunidades de ensino e aprendizagem, mas não as aproveitam. Por outro lado, percebemos que o papel e função da escola estão longe de serem cumpridos e os alunos, em sua maioria, são culpabilizados por um sistema educacional que nem sempre honra com os seus deveres de formá-los. Já Clara enfatiza o processo de ensino-aprendizagem e também a interação dentro da sala de aula. Ela realmente interagiu bastante com os seus alunos, estando sempre preocupada com suas aprendizagens. Apesar disto, nunca ouvimos discussões ou comentários sobre perspectivas de futuro, entre a professora e os discentes. Ela diz que se sente na obrigação de fazer o possível para que eles superem as dificuldades encontradas, contagiando-os com sua vontade de ensinar. Além disso, as mesmas oportunidades que os alunos do SE LIGA têm os alunos do Ensino fundamental também têm, e os alunos do SE LIGA parecem saber aproveitar melhor, porque têm a professora como uma mediadora. Em relação à pergunta: “Você considera que os professores estão preparados para lidar com as diferenças na sala de aula?”

“ A professora Clara foi sucinta, respondendo que “sim”, porém, sabemos que na realidade isto nem sempre ocorre. Comumente conhecemos situações em que alunos são discriminados por não conseguirem alcançar as expectativas dos professores. Já a professora Rita mencionou que só alguns professores estão preparados e afirmou conhecer alguns que não se preocupam com o cotidiano dos alunos. Uma das perguntas mais importantes de nossa pesquisa, que é saber de que forma as professoras podem incentivar os alunos a superar possíveis dificuldades. Clara nos respondeu: “mostrando que os mesmos são capazes de superar suas dificuldades”, porém, não ficou claro como ela vai mostraria isso. Já Rita nos disse que a melhor forma é mostrar ao aluno que ele deve ser persistente e que deve lutar pelos seus ideais. Quando perguntamos se é possível acompanhar a vida do aluno a professora Rita disse que sim, tanto de forma direta quanto de maneira indireta, mas não ficou claro como seria o acompanhamento indireto. Assim

como Rita, Clara também respondeu que sim, porém, enfatizou que a quantidade de alunos da turma SE LIGA, por ser menor, favorecia. Também objetivamos saber de que forma as professoras caracterizavam um bom professor. A professora Clara disse que ele seria aquele que incentivava, educava e gostava do que fazia. Já Rita respondeu que para ser um bom professor seria preciso ser mediador, educador e, enfatizou que os professores deveriam tratar seus alunos como se fossem seus filhos, orientando os caminhos que deveriam seguir. Acreditamos interessante quando a professora diz que é preciso ser mediador, mas, discordamos que o professor precise tratar seus alunos como se fossem seus filhos, até porque é importante que a escola ressalte a importância da família, não devendo assumir o lugar dos pais. Clara considerou que a família deveria estar presente e acompanhar o desenvolvimento de seus filhos. Na última pergunta, Rita respondeu que motiva, incentiva e dá novas oportunidades diante do insucesso escolar dos seus alunos. Já Clara respondeu dizendo que realiza atividades extras para diminuir ou até mesmo acabar com o insucesso escolar, não ficou claro que tipo de atividade ela realiza.

**Considerações Finais** Como explicitado, anteriormente, realizamos uma análise e discussão dos significados das dificuldades de aprendizagem para professores e alunos das turmas SE LIGA e 9º ano do Ensino Fundamental e qual a percepção destes últimos sobre o ambiente escolar e as relações interpessoais em seu interior. Além disso, analisamos de que forma as professoras influenciaram no fortalecimento da resiliência de cada um deles e quais estratégias metodológicas a professora do SE LIGA utilizava para lidar com o insucesso escolar de seus alunos. Podemos dizer que as professoras demonstraram equilíbrio e determinação para superar as situações adversas existentes no ambiente escolar, e, dessa forma puderam ajudar os seus alunos no fortalecimento das mesmas. Vale ressaltar que a professora da turma SE LIGA se mostrou mais preocupada e envolvida com os alunos, do que a professora do 9º ano. Os alunos, em sua maioria, se sentiam bem no ambiente escolar, especificamente os alunos do Projeto SE LIGA. Entendemos que estes se sentiam bem acolhidos e tratados com carinho. Além disso, foram bem educados, gentis, superando nossas expectativas, pois, achávamos que iríamos nos deparar com uma turma agitada e barulhenta, até pelas dificuldades de aprendizagem vivenciadas. Ao contrário disso, eles apresentaram um comportamento excelente. Já a turma do 9º ano é composta por alunos que pareciam gostar de estudar, que eram comprometidos e dedicados. Porém, havia alunos que não se dedicavam tanto aos estudos, que demonstravam usufruir da escola como um espaço de entretenimento. De modo geral, percebemos que alguns alunos eram desestimulados e desacreditados de sua própria aprendizagem. Acreditamos que uma atuação desta professora como uma verdadeira educadora seria fundamental, promovendo uma educação voltada à formação humana de seus alunos, superando o investimento puramente da cognição. Felizmente, em alguns momentos, percebemos que a professora parava para conversar com os alunos, e eles, nitidamente,

gostavam desta postura. Diante das observações, questionários e análises de algumas gravações, podemos mencionar que os alunos de ambas as turmas enfrentam fatores de riscos, tais como: salas de aulas abafadas e pouco iluminadas (sobretudo na turma do 9º Ano), carteiras desconfortáveis, dificuldades socioeconômicas, dificuldade de transporte para alguns alunos da zona-rural, distanciamento entre a família e a escola, ou seja, falta de proteção e cuidados dos responsáveis (aspecto comentado pelas duas professoras, sobretudo pela professora da turma do SE LIGA), dentre outros. Assim como os alunos, as professoras também vivenciaram situações de risco (verbalizadas por ambas em conversas informais conosco), tais como: baixa remuneração, atrasos do pagamento, falta de apoio e visitas dos familiares dos alunos, falta de reconhecimento pelo seu trabalho, etc. Apesar de tantos fatores de risco apresentados e vivenciados pelos alunos, as professoras de ambas as turmas estão sempre dispostas a ajudá-los. Mesmo com uma “palavra amiga”, percebemos que os alunos se sentiam mais fortalecidos e dispostos a estudar. Pelo exposto, destacamos quão importante é o trabalho com resiliência para a formação do docente, que poderá ter uma melhor consciência da sua importância para o fortalecimento de uma postura de superação das dificuldades vivenciadas por seus alunos.

**Referências** ANTUNES, C. *Resiliência: A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade*. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006. BARBOSA, G. Índices de resiliência: análise em professores do Ensino Fundamental. In: *I Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2006. Disponível em [http://](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100014&lng=en&nrm=abn)

[www.](http://www.proceedings.scielo.br)

[proceedings.scielo.br](http://www.proceedings.scielo.br)

[/scielo.php](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php)

[?](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100014&lng=en&nrm=abn)

[script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092006000100014&lng=en&nrm=abn.](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100014&lng=en&nrm=abn)

Acesso em: 14 Feb. 2009. BRANDÃO, J.M. *Resiliência: De que se trata?*

*O conceito e suas imprecisões*. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de

filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2009. COSTA, A. C. G. *Resiliência.*

*Pedagogia da presença*. São Paulo: Modus Faciend, 1995. CYRULNIK, B. *Os patinhos feios*. São

Paulo: Martins Fontes, 2004. INSTITUTO AYRTON SENNA. [http://](http://www.institutoayrtonsenna.com.br)

[senna.globo.com](http://www.institutoayrtonsenna.com.br)

[/institutoayrtonsenna/br/programas\\_interna.asp](http://www.institutoayrtonsenna.com.br/programas_interna.asp)

[?](http://www.institutoayrtonsenna.com.br/programas_interna.asp?cod_programa=6&ms=2)

[cod\\_programa=6&ms=2.](http://www.institutoayrtonsenna.com.br/programas_interna.asp?cod_programa=6&ms=2) Acesso em 15/03/14. JOB, F.P.P. *Resiliência na organização: Estudo*

*de caso da mediação e avaliação da resiliência de indivíduos em uma organização industrial.* Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba. V.5, n. 1, p. 33-42, 2003. OLIVEIRA, F. N. de; MACEDO, L. de. Resiliência e insucesso escolar: uma reflexão sobre as salas de apoio à aprendizagem. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, v. 11, n.3, p.983-1004, 2011. POLETTI, R.; DOBBS, B. *A resiliência: A arte de dar a volta por cima*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. POLETTI, M.; KOLLER, S.H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 25(3), 405-416, Julho-Setembro, 2008. POLY, L. *Toward a middle-range theory of resilience*. *Advanced Nursing Science*. Washington, 19, 1-3. 1997. TAVARES, J. *Encorajamento e resiliência dos professores e educadores*. Fortaleza, 2007. Palestra.

Disponível em:

Http://www.

scielo.br

/scielo.php

?

script=sci\_arttextEtpid-S1413-73712003000300010.

Acesso em: 20 jul.2008. TISSERON, S. *La résilience*. Que sais-je?

Dépôt legal. Paris: Press Universitaires de France, 2007. VARGAS, C.P. *O desenvolvimento da resiliência pelas adversidades da escola*. Revista Espaço Acadêmico – Mensal – nº 101 – Outubro de 2009. YUNES, M.A.M. Psicologia Positiva e Resiliência: o foco no indivíduo e na família. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.8, nº especial, p. 75-84, 2003.

\*Marta Maria de Lima Silva. Graduanda em Licenciatura – Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/CAA); E-mail: martinhalima2011@hotmail.com

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Professora Adjunta da UFPE/Centro Acadêmico do Agreste – CAA/ Núcleo de Formação Docente – NFD; Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática; Integrante do Grupo de Pesquisa: “Educação e Espiritualidade” (UFPE/CE); Coordenadora da Linha de pesquisa “Psicologia, Espiritualidade e Integralidade na Educação” (UFPE/CE). Orientadora e coautora deste trabalho. E-mail: analealchaves@yahoo.com

.br

Recebido em: 30/04/2016

Aprovado em: 07/05/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: